

Embalados por novela, Lukete e Juzé lançam single

PÁGINA 3



Moda Summit 5.0 discute os rumos do setor no Rio

PÁGINA 6



Gastromotiva recebe chefs para almoços solidários

PÁGINA 8



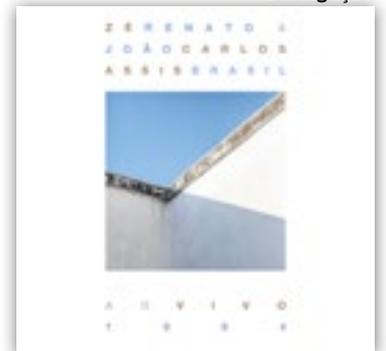
2º CADERNO

Show histórico de Zé Renato com o virtuoso pianista João Carlos Assis em 1994 ganha vida em registro fonográfico mais do que necessário



Antônio Filho/Divulgação

Divulgação



A genialidade do pianista e João Carlos Assis Brasil, morto em 2021, é lembrada neste "Ao Vivo 1994", registro histórico de sua apresentação com Zé Renato e banda na Sala Cecília Meireles há 30 anos

Um tesouro redescoberto

Por Affonso Nunes

Além de seu trabalho no Boca Livre, recém retomado, Zé Renato é dono de uma discografia interessante. Mesmo tendo verve autoral expressiva, esse cantor e compositor capixaba de nascimento e carioca por opção, é um intérprete de natureza ímpar. Seus álbuns em tributo a Silvio Caldas (1994), Zé Kéti (2001), Paulinho da Viola (2019) e Orlando Silva (2021) mostram um cuidado meticuloso em cada nota alcançada por seu timbre tão peculiar. Ao receber



Divulgação

de sua irmã e produtora, Memeca Moscovich, os arquivos de seus mais novo álbum precisei de, pelo

menos, dois dias para uma audição detalhada, afim de não perder cada nuance, pois não é todo dia

que te enviam uma obra-prima.

O disco em questão é "Ao Vivo 1994" e reúne, de forma inédita, Zé Renato e o pianista João Carlos Assis Brasil (1945-2021), fruto de uma apresentação realizada em 28 de outubro de 1994 na Sala Cecília Meireles pelo projeto Sexta Básica que promovia concertos a preços populares. Zé e João Carlos ainda dividiriam o palco com instrumentistas de renome como Marcos Ariel (piano), Omar Cavalheiro (baixo) e Marco Pereira (violão). Trocando em miúdos, de básico não tinha nada.

Esse time executou um repertório especialíssimo que pinçou clássicos de nosso cancionário popular e temas internacionais

que marcaram as trajetórias do cantor e do pianista.

O álbum que chega agora ao conhecimento do público nas plataformas digitais, pelas cuidadosas mãos do selo Discobertas (do pesquisador Marcelo Fróes) é um achado. Foi vertido de uma fita cassete gravada na mesa de som da casa de espetáculos e masterizado sem qualquer corte ou edição, o que seria uma heresia.

"Quando Zé Renato deixou comigo, há tempos, uma mala de fitas e CDs de todos os tipos, eu sabia que encontraria algumas maravilhas. Deste baú veio, em 2021, o disco "Orlando Mavioso", lançado pelo Discobertas, com um show impecável dedicado ao repertório de Orlando Silva. Seria difícil imaginar um encontro raro como este, adormecido em uma fita cassete por tantos anos", conta o pesquisador e dedicado produtor Maurício Gouvêa, um braço direito de Zé Renato.

Continua na página seguinte

'Adorei ouvir isso tantos anos depois'

Passados trinta anos desse feliz encontro musical, Zé Renato admite ter poucas lembranças sobre como tudo começou. “Eu tenho poucas lembranças desse show. Não me lembro de quem propôs essa junção com o João. O que lembro é um pouco dos ensaios na casa dele. A forma de cantar aquele repertório com certas dinâmicas bem específicas. Esse formato, os arranjos, tudo foi conduzido pelo João, sobretudo nas músicas que faço com ele em duo”, pontua o intérprete.

“Foi um desafio cantar algumas dessas canções, sobretudo as que ele indicou e que nunca havia interpretado. Por outro lado, outras vieram do meu repertório do ‘Arranha-Céu’, com o qual já estava familiarizado”, destaca.

“Uma das lembranças que tenho do João é a de um cara cara muito suave, tranquilo, que foi me sugerindo as coisas com muita leveza, como ele era. Um intérprete sensacional, mas com uma delicadeza enorme em sua abordagem musical”, recorda.

O resultado final desse registro em forma de álbum agradou Zé Renato. “Eu adorei ouvir isso tantos anos depois. As performances estão muito boas, todos muito entrosados no palco, com um repertório que representa bem a canção brasileira. Sem contar a qualidade de gravação excelente deste show. Ainda que eu perceba naquele meu timbre algo de um menino, vejo que eu enfrentei desafios melódicos grandes como em “Serra da Boa Esperança (Lamartine Babo)”, comenta Zé Renato, ao analisar sua performance.

Se o cantor afirma isso quem somos nós para contestar? Modéstia à parte, Zé Renato esteve impecável naquela noite como se pode conferir a cada faixa. Naquele 1994, mais precisamente em março, o artista acabava de lançar o já citado disco “Arranha-Céu”, o tributo Silvio Caldas, o que explica parte do repertório daquela noite na prestigiosa sala de concertos da Lapa.

Seu parceiro de noite, o virtuoso João Carlos Assis Brasil, um pianista de formação erudita e profundamente inspirado por Villa-Lobos seguia os passos do mestre e se aproximava cada vez mais da música popular acompanhando artistas como Maria Bethânia, gravando álbuns com Ney Matogrosso e Olívia Byington. Naquele 1994 ele fez diversas apresentações em duos com Silvia Massari, Claudio Botelho e Alaíde Costa.

Repertório especial

“Estes momentos particulares das carreiras de ambos explicam boa parte do repertório escolhido para esta apresentação, que mescla com sabedoria o que Zé Renato e João Carlos estavam fazendo naquele ano”, destaca Maurício Gouvêa, o primeiro ouvinte desse registro que resiste ao tempo 30 anos depois justamente por sua rara beleza.

De “Arranha-Céu” Zé Renato trouxe, além da faixa-título, composta por Silvio Caldas e Orestes Barbosa, “Maringá” (Joubert de Carvalho), “Faceira” (Ary Barroso), “Chão de Estrelas” (Silvio Caldas e Orestes Barbosa), “Mulher” (Custódio Mesquita e Sadi Cabral), “Serenata do Adeus” (Vinicius de Moraes) e “Minha Palhoça” (J. Cascata), algumas delas com a banda completa e outras tendo apenas a voz de Zé e o piano de João Carlos, na emocionante execução da “Serenata do Adeus”.

“Sem Você”, clássico de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, foi uma sugestão de João Carlos para o show. Era a primeira vez que Zé Renato a interpretaria. Momentos solo do pianista trazem vocalizes preciosos do cantor Zé Renato como em “Lenda do Caboclo” (Heitor Villa-Lobos) ou “Elba”, um dos três temas de Victor Assis Brasil - irmão gêmeo de João Carlos, morto em 1981 - que ganha um tributo de João Carlos com outras duas composições: “Blues” e “Waltzing”.

E que maravilha a interpretação soberba e contida e Zé Renato no duo com João Carlos em “Our Love Is Here To Stay” (George



Zé Renato: ‘Lembro do ensaio com ele, da sua generosidade em trazer canções que até então eu nunca havia interpretado’

e Ira Gershwin), que encerra o medley Gershwin aberto pelo músico com leituras impecáveis e plenas de sensibilidade de “Sweet And Lowdown” (George Gershwin) e “Someone To Watch Over Me” (George e Ira Gershwin).

Completam o repertório delicadezas como o “Prelúdio das Bachianas” (Villa-Lobos), “Promessa” (Custódio Mesquita e Evaldo Ruy), “Pedra Quem Rolou (Pedro Caetano), um feliz medley com “A Saudade Mata a Gente” (Antônio Almeida e João de Barro) e “Toada” (Zé Renato, Claudio Nucci e Juca Filho). A transição de uma para outra se revelou acertadíssima.

“Artística e pessoalmente foi muito importante estar com ele, uma experiência estimulante e desafiadora”, reforça Zé Renato.

Os demais músicos também protagonizam momentos sublimes como nos duos de Zé Renato com o violão de Marco Pereira em “Arranha-céu” (faixa que abre o show) e com o contrabaixo acústico de Omar Cavaleiro em “Chão de Estrelas”.

Irmão mais novo de João Carlos e Victor, Paulo Assis Brasil considera a audição deste show um verdadeiro acontecimento: “O que dizer de João Carlos Assis Brasil e Zé Renato juntos? Apenas e tão somente a generosidade que esses dois artistas dedicam a música, entrelaçando seus sentimentos. Nós, o público, somos os grandes beneficiados desse encontro que surge resgatado 30 anos depois”.

No clima de Totonho e Palmito

Atores e cantores paraibanos Juzé e Lukete celebram fim de participação em novela com o single autoral 'Tu Vem'

Da telinha para o streaming de música. Sucesso na novela No Rancho Fundo (TV Globo) vivendo a dupla Totonho e Palmito, os atores-cantores paraibanos Juzé e Lukete terminam a trama com o misto de alegria e saudade. Para comemorar este fechamento de ciclo, os artistas acabam de lançar a música "Tu Vem", produzida por Jefferson Brito, um xote com a aura do universo temático da história que viveram no folhetim.

"A música ficou a coisa mais linda do mundo!", comemora Juzé. "Criamos ela no início de Mar do

Sertão (novela de 2022, que antecede a trama de No Rancho Fundo em dez anos), nossa primeira produção como Totonho e Palmito. Lembra da gente trancado no quarto de Zé escrevendo os textos e, quando acabamos, começamos a compor algumas canções. Nos inspiramos nesse universo do cordel, puxamos um xote, fomos compondo a melodia e a letra juntos, e na hora sentimos que era uma canção forte", lembra Lukete, que escrevia com Juzé todas falas e músicas de seus personagens repentistas.

O ano de 2024 tem sido um período de realizações para os dois artistas, que vêm se dedicando a



Juzé e Lukete vivem os repentistas modernos Totonho e Palmito, sensação em Mar do Sertão

seus trabalhos musicais individuais, com shows e álbuns, o que não impediu o lançamento de um EP autoral juntos ("Visse & Verso"). Os artistas compõem em parceria desde que se conheceram, há seis anos, e já tiveram músicas deles interpretadas pelas conterrâneas Juliette ("Cansar de Dançar") e Elba Ramalho ("Virou São João").

Neste ano Juzé apresentou seus shows especiais de Carnaval e São João pelo Brasil, lançou os singles "Nordeste Destino" e "Mêi Sargaço, Meio Mato", o EP audiovisual "Doce Confeito Mel" - com direito a uma turnê ao vivo pelo circuito Sesc no Rio de Janeiro. Também gravou seu próximo álbum, ainda inédito, "Juzé e Bando na Toca do Bandido". Em Novembro, o artista segue apresentando o show "Mêi Sargaço, Meio Mato" pelo Brasil e, em dezembro, levará suas apresentações para João Pessoa e Portugal,

com shows confirmados em Lisboa e no Porto.

Já Lukete lançou a música "Eclética de Sentimento", o single e clipe "Prefiro Ser um Louco" e acaba de soltar seu esperado primeiro álbum autoral, "Lukete Me", acompanhado do vídeo da música "Tetris". Ao longo do ano, ele também apresentou por todo o Brasil o espetáculo de música & poesia "A Rima me Deu Rumo", e prepara o show e turnê de lançamento do novo disco com sua banda, Lukete e Seus Renatos.

CRÍTICA / DISCO / BELEZAS SÃO COISAS ACESAS POR DENTRO

Filipe Catto traz Gal em si

Por Aquiles Rique Reis*

Eu já ouvira Filipe Catto cantar. Impressionou-me sua voz. Mas foram audições ocasionais. Eis que o amigo Ciro Barcelos me mandou o áudio da Catto cantando algumas músicas de Gal Costa. O choque foi instantâneo: pus-me a conhecer "Belezas São Coisas Acesas Por Dentro" (Editsy), álbum que reúne as duas grandes cantoras sob uma única emoção. Ouça aqui.

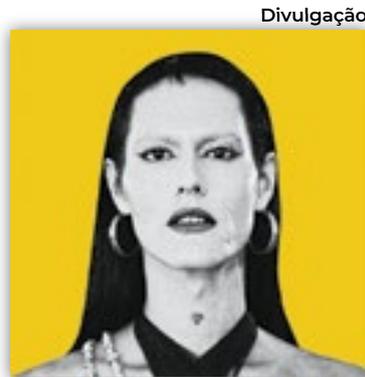
No release, lê-se que Catto ainda titubeou um pouco antes de mergulhar no projeto. Mas logo sacou ser uma missão que não se recusa, cumpre-se! Foi com tudo. Primeiro, apresentações em unidades do Sesc Paulista, quando ela e Gal se grudaram espiritualmente, tornando-se um só corpo, uma só voz. Coisas que bolem por dentro,

faiscando em busca de luz, devem ser libertas.

E Filipe Catto deu-se ao roquerrrol (nada tão Gal Costa) com o fervor que só sua voz hipnótica pode dar, o que, até aqui, só Assuena atingiu de forma tão igualmente sedutora e bela.

Com o repertório gravado vibrando à sua frente, Catto intuiu o dia em que ele viria à luz: 26 de setembro de 2024, data em que ela e Gal aniversariam.

Belezas São Coisas Acesas Por Dentro é um álbum coletivo. Para germinar a sua estética musical, Catto trouxe com ela gente que comunga a intenção de fazer da música algo que mexa com o corpo tanto quanto com o sentimento:



Divulgação

tentações e amores paridos da alma.

"Lágrimas Negras" (Jorge Mautner e Nelson Jacobina), ar-rítmo, envolta em reverber, Catto vem toda; "Tigresa" (Caetano) arrepiada com guitarra e voz; "Jóia (Caetano) / Oração da Mãe Menininha" (Dorival Caymmi): guitarra dedilhada e a voz arritmo, afetuosa

e dobrada, clamam à Mãe; "Esotérico" (Gilberto Gil): amparada pela harmonia, a voz de Catto vem afinada; "Negro Amor" (Bob Dylan, versão Caetano e Péricles Cavalcanti) soa emprenhada de pegada roqueira e arrasa; "Nada Mais" (Steve Wonder, versão Ronaldo Bastos) rola solta, com Catto se entregando à letra envolta novamente em reverber - o recurso, talvez, soa excessivo; "Sem Medo, Nem Esperança" (Arthur Nogueira e Antonio Cícero): o couro come na voz pródiga da moça; "Vaca Profana" é o rock invadindo a canção de Caetano; "Jabitacá" (Bactéria, Lirinha e Junio Barreto) dá a Catto o poder de realçar sua persona musical, bela! E, por fim, "Vapor Barato"

(Jards Macalé e Waly Salomão) é pura luz.

Ah, baby, apaixonado, íntegro, teu cantar despreza soslaio, vai direto à essência do ouvinte. Ele se põe a teus pés, cativado pela sinceridade de um ser humano inequivocamente abençoado por deusas todas e por deuses todos... já nem sei mais onde encontrar palavras, tamanha a admiração por tua fortaleza.

Ficha técnica

Produção musical: Filipe Catto e Fabio Pinczowski; arranjos: Catto, Gabriel Mayall, Fabio Pinczowski e Michelle Abu; voz, guitarra e Sruti Box: Catto; baixo: Gabriel Mayall; bateria e percussão: Michelle Abu; guitarras e voz: Fabio Pinczowski.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Agora série, 'Como Água para Chocolate' tem romance proibido, cozinha e pitada de fantasia

Por **Vitor Moreno** (Folhapress)

Quente, em ponto de ebulição, fervendo... É assim que a água deve estar para desmanchar o chocolate na receita do tradicional chocolate quente mexicano - que muitos consideram o melhor do mundo. E é assim também que está Tita de la Garza, a protagonista de "Como Água para Chocolate".

Publicado pela primeira vez em 1989, o livro de Laura Esquivel, que já havia ganhado uma bem-sucedida adaptação para os cinemas em 1992, agora tem seu universo explorado em uma série homônima no serviço de streaming Max e no canal pago HBO.

Tendo como pano de fundo a Revolução Mexicana (1910-1920), a trama acompanha Tita, aqui interpretada pela atriz Azul Guaita, e seu amor proibido pelo vizinho, Pedro Muzquiz (Andrés Baidá). Filha caçula da viúva mão-de-ferro Mamãe Elena (Irene Azuela), seu destino é, por tradição, cuidar da mãe até sua morte.

Por esse motivo, quando a mão de Tita é pedida em casamento pelo rapaz, a resposta é não. No entanto, com a justificativa de permanecer perto da amada, Pedro acaba se casando com a irmã mais velha da jovem, Rosaura (Ana Valeria Becerril).

"Meu primeiro pensamento foi: como ela baseia sua vida em um homem?", diz Azul Guaita sobre a protagonista. A atriz já havia ouvido falar no livro e assistido ao filme, mas só se aprofundou no texto após o primeiro teste. "Enquanto lia, aprendi que ela não conhece nada além disso."

"Naquele século, obviamente a mulher não tinha nada: não falavam, não podiam dizer nada, não podiam trabalhar em nada", lembra. "Então, poder fazer uma mulher daquela época com tanta força, com tanto poder, não só físico, mas sentimental, é algo incrível."

Exímia cozinheira, Tita se expressa através dos pratos que prepara com entusiasmo e destreza. Quando está triste, suas lágrimas servem de tempero. Quando está feliz, sua alegria transborda no paladar alheio. É como se pudesse transformar os outros com seus



Azul Guaita vive Tita, uma exímia cozinheira que põe seus sentimentos nos pratos que prepara

Um amor em ebulição

preparos.

"A comida é um elemento central da história", afirma o diretor Julián de Tavira. "Minha teoria é que Laura [Esquivel] começou a escrever um livro de receitas e depois lhe ocorreu fazer um romance através dele."

Ele diz chegou a conversar duas ou três vezes com a autora durante o processo de preparação da série. "Ela fala muito da alquimia e de como os ingredientes fazem com que a união dos ingredientes nos permita sentir emoções", comenta.

No entanto, evita tratar as cenas em que os sentimentos de Tita extrapolam para sua cozinha como algo mágico. "A magia não tem limite e nossa convenção precisava ter uma clareza de até onde poderia chegar", explica. "A própria Laura diz que seu romance não é de realismo mágico, mas hiperbólico, ou seja, que é uma exageração dos elementos da realidade. Então, brincamos um pouco

com isso."

Para Andrés Baidá, um romance nos moldes do de Pedro e Tita é algo raro de presenciar na atualidade. "É bonito lembrar a alguém que você o ama, seja em detalhes, em um carinho, em um olhar, em um suspiro", diz. "Hoje em dia, com as redes sociais, tudo está se tornando muito descartável. Já que há mais opções, mal tem um problema, e 'bem, já me cansei, obrigado, tchau'."

O ator sabe que seu personagem pode parecer "meio tóxico" para as novas gerações, mas avalia que Pedro age movido pela paixão. "Ele toma algumas decisões um pouco precipitadas, infelizmente", comenta. "Você pode ou não concordar com isso, cabe a mim não julgá-lo, defendê-lo e entendê-lo."

Mesmo quando o personagem aceita se casar com a irmã da amada? "Me incomodou um pouco. Como vou fazer isso?", confessa. "Mas quem não faz besteiras quando está

apaixonado? As pessoas se tornam impulsivas, procuram qualquer maneira de estar com alguém."

Mesmo que tenha um mocinho sensível, pode-se dizer que é uma história fundamentalmente feminina. "Sem dúvida, são mulheres fortes, mulheres que estão constantemente constrangidas pelo contexto social em que vivem, mas que têm esse desejo de viver em liberdade e infelizmente a época não permite", comenta Irene Azuela, a Mamãe Elena.

Por mais que a personagem seja a responsável por azedar a relação do casal de protagonistas (e por infernizar as filhas sempre que pode), trata-se de uma mulher que, no começo do século 20, comanda sozinha uma fazenda, algo que não era bem-visto na época.

"É uma personagem que vai além de ser uma antagonista por natureza", afirma sua intérprete. "Queríamos nos afastar de fazer um retrato da mulher má, da mãe ruim, e prestar atenção nas razões que Mamãe Elena tem para se relacionar assim com suas filhas e com os trabalhadores da fazenda."

"Percebemos que é uma mulher que, em seu tempo, viveu com grande paixão, viveu o amor com toda sua mente e corpo e, de repente, as tradições e o sistema em que vivia a esmagaram", explica. "Graças a isso, ela de alguma forma decide morrer por dentro - e todo o resto é consequência."

ENTREVISTA / MÁRCIA FARIA, CINEASTA

'Mesmo na solidão, existe espaço para o acolhimento'

Leo Bittencourt/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de uma acolhida carinhosa do Festival do Rio, na competição Novos Rumos, "A Procura de Martina" seguiu para a Mostra de São Paulo, encerrada em 30 de outubro, e colheu múltiplos elogios na terra da garoa. Em solo paulistano, sua realizadora, Márcia Faria - uma das mais respeitadas assistentes de direção do país, conhecida também por seu trabalho como diretora de TV e hoje também de streaming -, lançou ainda episódios da minissérie "Os Quatro da Candelária", rodada em duo com Luis Lomenha.

A estrada plural dessa cineasta ganhou os holofotes internacionais quando ela concorreu à Palma de Ouro de curtas de Cannes com "Estação", em 2010. Agora, com a

saga de Martina, essa internacionalização de seu talento segue por trilhas argentinas, uma vez que ela firma parceria com uma das maiores estrelas de nuestros hermanos: Mercedes Morán.

Numa atuação estonteante, a atriz assume o papel central do longa de Márcia, vivendo uma viúva que procura há mais de 30 anos pelo neto, nascido em cativeiro durante a ditadura militar da Argentina.

A necessidade de encontrá-lo se torna ainda mais urgente depois que Martina recebe o diagnóstico de Alzheimer. Quando descobre que o neto pode estar no Brasil, ela embarca em uma jornada em que passado e presente se misturam, transformando a busca em uma luta contra o esquecimento. Uma confeiteira encarnada com esplendor por Carla Ribas complica a peleja afetiva de Martina nessa produção filmada em locações espalha-

das por várias partes do Rio, como Copacabana, Madureira, Ramos, Tijuca e Jacarepaguá.

Na entrevista a seguir, Márcia fala desse processo.

Como foi o manejo com os códigos do cinema da Argentina na construção da sua mise-en-scène? O que veio explicitamente de referência deles?

Márcia Faria: Minha trajetória é profundamente marcada pelo cinema argentino, pelo cinema latino-americano como um todo, tendo "O Pântano", "A Noiva do Deserto", "Glória", "Amores Brutos" e "Mundo Grua" entre as principais influências. Esses filmes trazem um olhar direto e despojado sobre o cotidiano, sem excessos - o que sempre me fascinou. Em "A Procura de Martina", busquei compor os quadros e os movimentos de câmera para intensificar a conexão

entre os personagens e os ambientes que eles habitam. Além disso, trabalhamos com uma abordagem sonora e sensorial da imagem que contribui para criar uma atmosfera densa, onde muito é comunicado sem a necessidade de palavras. Nesse sentido, há uma inspiração clara no cinema sensível de diretores como Lucrecia Martel, que conseguem criar atmosferas carregadas de significado, onde som e imagem dialogam de forma sutil, transmitindo emoções mesmo na ausência de diálogo.

Depois da sua vasta experiência de set com atrizes e atores do Brasil, o que a Mercedes Morán aportou de mais singular ao seu repertório de direção de elencos?

Mercedes expressa com maestria tanto a vulnerabilidade quanto a força silenciosa de Martina, criando uma jornada emocional

rica e essencialmente humana. Ela entrega uma interpretação cheia de sutilezas, onde o não dito revela camadas complexas de sua personalidade, dividida entre seu passado e o presente. Sua habilidade de transmitir emoções com gestos contidos e econômicos permite ao espectador experimentar as dúvidas, medos e aspirações de Martina de maneira profundamente íntima. Além disso, ela transita com naturalidade entre o humor e o drama, trazendo momentos de leveza que oferecem respiros ao longo da trama. Esses instantes cômicos, desarmam o público, facilitando uma conexão mais profunda e empática com a história.

Qual é o lugar da solidão na representação do feminino que seu cinema propõe, arrisco que desde o curta "Estação", exibido em Cannes em 2010?

Ao refletir sobre os pontos de contato entre meu curta e meu longa, percebo que tanto "Estação" quanto "A Procura de Martina" exploram a temática do deslocamento. Ambas as protagonistas abandonam seus lugares de conforto em busca de autoconhecimento e transformação. No curta-metragem "Estação", a solidão é retratada pela vivência de uma mulher que reside no terminal Tietê, em São Paulo, a maior estação de ônibus da América Latina. Este cenário simboliza a espera e a incerteza que permeiam sua vida, intensificando a sensação de isolamento. Por outro lado, em "A Procura de Martina", a protagonista deixa para trás o conforto de Buenos Aires, sua cidade natal, para se lançar em uma aventura em um país estrangeiro, imersa em uma nova língua e cultura. Enquanto "Estação" é um estudo íntimo e isolado sobre a solidão feminina, "A Procura de Martina" amplia essa temática ao mostrar que, mesmo na solidão, existe espaço para o acolhimento e a construção de laços significativos. Ambos os filmes nos levam a refletir: a solidão, embora frequentemente dolorosa, pode também ser um ponto de partida para o autoconhecimento e a busca por pertencimento.

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



João Gilberto cantando em casa no vídeo de Mendes

João Gilberto canta Ary Barroso em vídeo caseiro inédito

O compositor baiano César Mendes publicou em sua conta no Instagram um vídeo caseiro inédito que mostra João Gilberto, morto em 2019, cantando com ele. Recluso em suas últimas décadas de vida, o pai da bossa nova aparece brevemente nas imagens que vieram à tona esta semana. Mendes na publicação não

deu informações sobre a data em que o vídeo foi feito, e nem o local em que ele foi gravado. No vídeo João Gilberto surge mais magro do que sua imagem que ficou mais conhecida pelos fãs brasileiros, mais parecido com as fotos dele divulgadas há cerca de cinco anos, em seus últimos meses de vida.

Despercebido

O criador da batida da bossa nova no violão não parece saber que está sendo filmado. A câmera passa a maior parte do vídeo virada para baixo, e eventualmente revela a figura de João - no sofá, de pijamas, barba por fazer e descabelado.

Um aluno

“Aprendendo e tocando pra João cantar”, diz a legenda escrita por César Mendes que, como compositor, já teve músicas gravadas por Caetano Veloso, Gal Costa, Adriana Calcanhotto, Marisa Monte, Carlinhos Brown e outros artistas.

Aprendizado

A canção que marca o encontro dos dois músicos no vídeo caseiro é “Faixa de Cetim”, composição de Ary Barroso de 1942. Mendes toca a canção ao violão, João Gilberto canta um pedaço da letra e eles conversam sobre como tocá-la.

Um mestre

Baiano de Santo Amaro, terra dos Veloso, Mendes é o mestre de violão de filhos de Caetano e Gilberto Gil, além de Maria Bethânia, Marisa Monte, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e outros artistas interessados em sua técnica refinada no instrumento.

Divulgação



Além das palestras, os convidados conhecerão de perto soluções com o uso de novas ferramentas de tecnologia como experiências em realidade virtual

O Rio ditando a moda e as suas novas tendências

Casa Firjan reúne lideranças do setor para discutir estratégias para que o estado retome seu papel como da cultura, da moda e do design

O Rio sempre ditou moda, mas andou perdendo seu protagonismo. Nesta segunda-feira (4), a Casa Firjan promove o Moda Rio 5.0 Summit, evento vai reunir líderes e autoridades do setor com a finalidade de promover debates e acordos para que o segmento volte a exercer seu papel no estado.

Com adesão de mais de 1 mil pessoas em menos de uma semana, Moda Rio 5.0 Summit recebe gestores de grandes marcas do segmento na busca de uma convergência em torno dos debates para o fortalecimento do negócio da moda no estado.

O evento ocupará o Auditório e o espaço de cocriação da Casa Firjan, em Botafogo, das 9h30 às 18h.

A manhã será exclusiva para convidados e a tarde será aberta ao público de forma gratuita, com retirada de ingressos via Sympla.

Aberta ao público, a parte da tarde do evento traz uma programação gratuita voltada para gestão e negócios e criatividade e comunicação. Debates sobre sustentabilidade, chatbot 5.0, inteligência artificial e novas carreiras da indústria da moda ganham palco na Casa Firjan. Ao longo de toda a tarde, o espaço de cocriação estará aberto para quem quiser experimentar novas ferramentas digitais e conhecer artistas e programadores. Diferentes criadores e novas agências explicarão como a tecnologia pode ser usada para gerar novas ideias.

A construção de um Museu da Moda e a integração de novas tec-

nologias na cadeia produtiva também fazem parte da pauta do evento, assim como uma investigação junto aos principais líderes do setor sobre quais são os gargalos atuais do mercado.

O Moda Rio 5.0 Summit é um projeto do Moda Rio, sindicato filiado à Firjan que realizou por anos o Fashion Rio. Entre os convidados confirmados, estão o CEO Grupo Soma, Roberto Jatahy; a sócia fundadora Grupo Soma, Claudia Jatahy; a estilista Lenny Niemeyer; o presidente do Conselho da Moda da Prefeitura do Rio, Carlos Tufvesson; o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Luiz César Caetano; o presidente Moda Rio, Victor Antônio Misquey, o empresário e diretor Moda Rio, Ulisses Betbeder; a diretora de Novos Negócios Rio Innovation Week, Luciana Potsch; o diretor da Babilônia Feira Hype, Robert Guimarães; e a diretora criativa da Blueman, Sharon Azulay.

Para Victor Antônio Misquey, presidente do Moda Rio, “o Moda Rio 5.0 Summit busca discutir estratégias para que o Rio de Janeiro retome seu papel como um importante difusor da cultura brasileira, da moda e do design, tanto no Brasil quanto no exterior, a partir de 2025. Reunindo protagonistas de toda a cadeia — desde a imprensa até novos criadores, além de universidades e empresários de todos os portes —, o evento visa a repensar o futuro do setor de forma colaborativa. A atualização tecnológica é um elemento crucial dessa transformação, permitindo às empresas otimizar os seus processos, consolidando a sua competitividade no mercado nacional e internacional”.

Para Olivia Merquior, CEO da Iarae curadora do evento, “o Moda Rio 5.0 Summit inicia um movimento para que possamos discutir a melhor maneira de criar um ecossistema que ajude a atualizar a cadeia de moda diante dos desafios trazidos pelas novas tecnologias, e isso significa não apenas pensar no futuro, mas também criar espaços de aprendizado sobre o nosso passado. Para além da roupa, a moda fala sobre cultura”.

A barbárie do apagamento veste farda

Em meio aos debates sobre a ditadura abertos por ‘Ainda Estou Aqui’, a professora Patrícia Machado racha o ovo da serpente dos anos de chumbo nas páginas de ‘Cinema de Arquivo’

Reprodução



‘Hércules 56’, um dos filmes com imagens icônicas da ditadura

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Esquecer sempre foi um verbo útil a governos ditatoriais como confirma a pesquisadora Patrícia Machado em “Cinema de Arquivo”, livro da Sagarana Editora recheado de relatos de vozes por muito tempo invisibilizadas que ampliam o debate sobre as múltiplas violências cometidas pelo governo militar, ao longo de 21 anos de ditadura. Essa fatia sangrenta de nossa História vai ser revisitada nas telas a partir desta quinta-feira (7), com a estreia do esperado “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que escancara delitos de estado cometidos por um Brasil de farda.

Laureado pelo júri popular da recém-encerrada Mostra de São Paulo, depois de conquistar o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Veneza, o novo longa-metragem do realizador de “Central do Brasil” (1998) resgata a peleja jurídica da advogada e ativista Eunice Paiva para expor a brutalidade sofrida por seu marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva. O sumiço dele, pouco depois de ter sido levado

para depor por agentes do governo, ocorreu no início dos anos 1970.

É sobre esse período de arame farpado, compreendido entre 1964 e 1985, que Patrícia se debruçou em “Cinema de Arquivo”, ao mapear arbitrariedades históricas. A pesquisa, apoiada pela Faperj, foi realizada em acervos públicos e privados, vasculhando prontuários, relatórios e documentos da polícia política. Nelles, Patrícia descobriu figuras como Nego Fuba, um desaparecido político que foi filmado por Eduardo Coutinho na Paraíba cometendo o crime do qual foi acusado pela ditadura (falar para a multidão).

Em sua triagem de fatos, ela aborda dois cineastas que registraram manifestações de 1968 e precisaram esconder as imagens que produziram. Fala ainda de um militante que faz parte do Grupo dos 70, consegue ir para o exílio no Chile, transforma-se em cineasta e realiza um raro filme em que denuncia a tortura cometida no Brasil com depoimentos de torturados.

“A gente se interessa no livro tanto pelas perspectivas daqueles que seguraram uma câmera em um momento de perigo, para registrar o acontecimento histórico, quanto dos sujeitos

Divulgação



A professora e pesquisadora Patrícia Machado, autora de ‘Cinema de Arquivo’

Divulgação



que encontraram em algum momento com a câmera”, explica Patrícia, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e da graduação em Estudos de Mídia da PUC-Rio.

“São sujeitos anônimos – camponeses, trabalhadores, estudantes, militantes – que estavam em diferentes medidas engajados na luta contra a ditadura. Os registros produzidos nos encontros foram o detonador de perguntas que fizemos para as imagens sobre a luta e o destino desses homens e mulheres”.

Combate ao esquecimento

O mote do livro – assim como o do filme de Salles – é combater o esquecimento em torno da tortura e do silêncio. “A busca das respostas nos ajudou a elaborar parte de memórias do período que estavam apagadas, em alguma medida. É bem impressionante quando as imagens nos mostram, por exemplo, que ainda no início dos anos 1970, homens e mulheres contaram para as câmeras as torturas que sofreram,

em ricos detalhes”, diz Patrícia.

“Enquanto prestavam seus testemunhos, outros homens e mulheres sofriam as mesmas violências em prisões brasileiras. É muito impressionante também ver como foi preciso criar rotas clandestinas de imagens de manifestações públicas contra a ditadura para que esse material chegasse ao exterior, onde as denúncias poderiam ser feitas (à medida em que a censura proibia a circulação dessas imagens no país). Descobrimos também a última imagem de um camponês que, logo depois de filmado, é assassinado pela polícia e se torna um dos desaparecidos políticos brasileiros”.

Patrícia vai atrás de documentos iconográficos e audiovisuais esquecidos (alguns quase desaparecidos) produzidos no período – relativos a perseguições, torturas, manifestações de rua, prisões – e presentes no cinema de realizadores e teóricos como o já citado Coutinho, Eduardo Escorel, Olney São Paulo, Chris Marker, Luiz Alberto Sanz e José Carlos Avellar. Segundo a pesquisadora e professora Andréa França, que assina uma das orelhas do livro, a Patrícia investiga as origens dessas imagens, suas intenções, suas circunstâncias de arquivamento e, ainda, sua retomada em filmes contemporâneos, tais como: “Hércules 56” (2006), de Silvio Da-Rin; “Retratos de Identificação” (2014), de Anita Leandro; “Setenta” (2013), de Emilia Silveira.

Seu levantamento de dados foi finalizado em 2016, no mesmo ano do golpe parlamentar que resultou na retirada de Dilma Rousseff da Presidência da República. A principal sequela do impeachment foi o crescimento radical da extrema-direita no país, acompanhado dos apelos de volta dos militares ao poder, cujos murmúrios iniciais foram ouvidos nas manifestações de 2013.

“O cinema, de forma geral, nos oferece caminhos poderosos de ampliar nossas percepções, sensibilidades e conhecimento do mundo e dos processos históricos. Nesse caminho, descobrimos histórias não contadas, angústias vividas e detalhes das violências cometidas. É o caso, por exemplo, do testemunho de mulheres que sofreram com a misoginia na tortura e que contam esses detalhes quando chegam no exílio, já que no Brasil esse assunto era tabu”.

Apesar da proliferação, na internet, de informações ligadas aos 21 anos contextualizados em “Cinema de Arquivo”, Patrícia observa que as redes sociais estão assombradas por um preocupante processo de descontextualização de vivências da ditadura. “Foi muito curioso quando vi uma fotografia de uma manifestação pública com a participação de atrizes como Norma Bengell e Leila Diniz ser usada como propaganda política de Michele Bolsonaro. É a completa deturpação do sentido histórico daquele registro”, alerta Patrícia.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“**A** Gastromotiva surgiu em minha vida em um momento em que eu precisava me resignificar. Eu assisti a sua inauguração, na época das Olimpíadas dentro de um quarto de hospital e com meu marido, o grande amor de minha vida partindo. Nessa hora senti meu vazio, somando com a do ninho vazio, pois meus quatro filhos, que criamos para o mundo estavam saindo de casa. Decidi ajudar a quem precisa e me inscrevi para voluntariar pois vi lá o meu perfil podendo ser colocado em prática”. Com este depoimento, Eloisa Aquino resume sua relação com esse projeto que há oito anos oferece refeições de (excelente) qualidade a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Sempre com a camiseta do projeto e hoje embaixadora da Gastromotiva, ela se move com desenvoltura no enorme refeitório projetado pelo artista plástico Vik Muniz, o iluminador Maneco Quinderé e os irmãos Capanema (Fernando e Humberto, renomados designers de interiores), com mesas comunitárias e cozinha aberta instalado na Rua da Lapa. Encarna fielmente o espírito da organização que o chef e empreendedor social David Hertz criou em 2016.

“Sou aquela que acolhe os beneficiários que vem no jantar beneficente. Faço pontes entre alunos da Gastromotiva e os hotéis e restaurantes para ver emprego. Convido chefs e cozinheiros para voluntariar no Refetório Gastromotiva e fico atenta a todas as possibilidades de patrocínio e doações”, diz Eloisa, enumerando suas múltiplas funções no projeto.

Voltando às origens de tudo, David Hertz usou sua formação na área gastronômica como ferramenta para gerar impacto social num trabalho incessante de combate à fome e insegurança alimentar e na promoção da educação na área da gastronomia para geração de renda.

“Depois de viajar pelo mundo em busca do que eu queria para minha vida, eu saí em busca. Eu trabalhava, fiz gastronomia, e quando



O Refetório Gastromotiva oferece refeições gratuitas a pessoas em situação de vulnerabilidade social

É dando que se recebe

Neste mês o Refetório Gastromotiva recebe chefs renomados como voluntários no primeiro aniversário de seu almoço solidário que é revertido em jantares gratuitos para pessoas em situação de vulnerabilidade social

entrei na favela de Jaguaré (SP), eu que nunca tinha entrado numa favela, vi uma possibilidade para as pessoas poderem achar um caminho para elas. Lá conheci uma organização com conceito de negócio social, que podia atingir algumas das metas do milênio (da ONU). Percebi aquilo como uma missão”, conta Hertz.

Gastronomia social

Legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Refetório Gastromotiva foi pensado e executado por Hertz em parceria com o italiano Massimo Bottura - então melhor chef do mundo e fundador da Food For Soul - e a jornalista Alexandra Forbes. O espaço ficou pronto em exatos 45 dias e faz parte da rede de Refetórios da Food For Soul. Desde a sua fundação, já impactou mais de 1,2 milhão

de pessoas e proporcionou mais de 2,2 milhões de refeições.

Neste mês de novembro, o Refetório Gastromotiva comemora um ano de operação com serviço de almoço, aberto ao público em geral. Os almoços são servidos de segunda a sexta-feira por R\$ 45, incluindo menu completo (entrada, prato principal, sobremesa e bebida), sempre elaborado por um chef renomado. Todo o valor arrecadado é integralmente destinado aos jantares para pessoas em situação de vulnerabilidade, que podem comer gratuitamente o mesmo menu oferecido no almoço.

Mais de 13 mil menus foram vendidos desde o início desta ação, resultando em mais de 20 mil refeições gratuitas para quem necessita. Os números não param por aí. Em

apenas um ano, quase 2 mil voluntários se envolveram nas ações dos jantares solidários, e mais de 80 chefs convidados prepararam pratos neste novo formato. Assim, ao almoçar no Refetório, além de saborear uma refeição nutritiva, saudável e produzida com aproveitamento integral de cada alimento, os clientes ajudam a combater a fome.

Neste mês de novembro, o Refetório Gastromotiva terá a presença de chefs renomados do Brasil e do exterior, incluindo estrelas do 50 Best, como Marsia Taha Mohamed, especialista em culinária boliviana; e a dupla Alex Herrera e Gracia Navarro, do Restaurante El Xolo, de El Salvador.

O Refetório receberá ainda chefs de diversas partes do Brasil, como Pedro Soares (SC), Rodri-

go Freire (baiano radicado em São Paulo), Débora Shornik (paulista com atuação na Amazônia), Dani Martins (PA) e Denise Rohnelt (RR). Além de um time de chefs que atuam no Rio como Gabriel Pinho (Lilia Bistrô), Tarsila Lima (Zona Sul), Lucas Lemos (Hotel Arpoador Rio), Alessandra Sampaio (Zola), Mariana Saisse (Rudá) e Aline Sassaqui (Bar Botica).

“A presença desses grandes nomes da gastronomia, do Brasil e do mundo, não só enriquece nossa culinária como reforça o impacto social que o Refetório promove ao abrir suas portas ao público. Convidamos todos a almoçar no Refetório durante o mês de novembro, desfrutar de cardápios variados, diversos e repletos de sabores, além de se unir a nós na luta contra a fome, ajudando a alimentar aqueles que precisam na região da Lapa. Agradecemos a todos os chefs que se disponibilizaram a somar no movimento da Gastronomia Social”, destaca David Hertz.

“Eu vim para ajudar o outro, mas me enganei. Quem me ajudou e salvou a minha vida de ser mais uma foi o trabalho voluntário e a Gastromotiva. Sou uma pessoa plena, feliz e mais amorosa”, agradece Eloisa.

SERVIÇO

REFETÓRIO GASTROMOTIVA
Rua da Lapa, 108
Almoço solidário, de segunda a sexta, a partir das 12h